



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de posse da Diretoria da ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil

Palácio do Planalto, 20 de março de 2006

Ministra-chefe da Casa Civil,

Meu companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo,

Meu companheiro Jorge Armando Felix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional,

Meu companheiro Waldir Pires, ministro do Controle e Transparência,

Meu companheiro José Fritsch, secretário Especial da Aquicultura e Pesca,

Meu caro almirante-de-esquadra, Roberto de Guimarães Carvalho, hoje exercendo a interinidade do Ministério da Defesa, já que o nosso José Alencar está na China,

Minha cara senadora Serys,

Deputados Francisco Appio, Henrique Fontana, Nilton Capixaba e Robson Tuma,

Deputado Simão Sessim,

Meu caro comandante Bueno, comandante da Aeronáutica,

Meu caro Milton Zuanazzi, diretor-presidente da Agência de Aviação Civil,

Membros da Diretoria Colegiada da Anac, Denise Abreu, Jorge Velozo e Leur Lomanto,

Nosso querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Senhoras e senhores representantes do setor aéreo brasileiro,

Trabalhadores,



Eu não recebi aqui na nominata mas, Graziela, faz de conta que falando o seu nome, eu estou falando em nome de todos os sindicalistas que, no Brasil, brigaram tanto para que a gente pudesse ter a Anac. A consolidação da Agência Nacional de Aviação Civil e a posse de seu quadro de diretores marcam um momento importante no aperfeiçoamento do Estado republicano brasileiro, que teve início nos últimos anos. Digo isso porque a Anac, além de ser a primeira agência reguladora criada em nosso governo, já nasce sob uma concepção moderna e muito mais democrática do seu papel no desenvolvimento nacional. Estamos criando uma agência que terá como responsabilidades principais fiscalizar o setor de aviação e criar a regulamentação necessária para que as políticas governamentais para a aviação civil sejam implementadas.

A definição das políticas, em si, ficará a cargo do Executivo, por meio do Ministério da Defesa e da Presidência da República, que já conta com o assessoramento do Conselho Nacional de Aviação Civil, o Conac, com representantes de seis Ministérios e do Comando da Aeronáutica. Um novo marco regulatório que atente tanto para a consolidação econômica da aviação civil quanto para os interesses nacionais e do consumidor já está sendo discutido no âmbito do Conac com diversos segmentos da sociedade civil. Estou falando da interlocução, não só de entidades representativas das empresas de aviação, mas também dos aeronautas, aeroviários e dos usuários do transporte aéreo. Dentro desse quadro, a Anac será a responsável por implementar este novo marco regulatório com o qual todos sairão ganhando.

E por que estamos fazendo uma agência nesses moldes? É porque acreditamos na autonomia das agências reguladoras, mas também temos a convicção de que as políticas setoriais devem atender tanto às regras e especificidades de cada mercado, como também às necessidades e aos anseios da população. Nós sabemos que é no constante diálogo com a sociedade que este tipo de política encontra o melhor ponto de partida e um



caminho seguro para avançar.

Meus amigos e minhas amigas,

A Agência Nacional de Aviação Civil já nasce com uma preciosa bagagem técnica e operacional, mas também com grandes desafios a serem enfrentados. A Anac absorverá as atividades, o profundo conhecimento e o competente quadro profissional do Departamento de Aviação Civil – o DAC, que é subordinado ao Ministério da Defesa. Esse departamento, criado em 1941, foi fundamental para que a aviação civil brasileira conquistasse o grau de excelência com o qual conta hoje. Além de ser uma das maiores do mundo em movimento aéreo, nossa aviação conta hoje com alguns dos melhores índices internacionais de segurança.

Enquanto o uso do espaço aéreo e as funções operacionais e de segurança continuarão sob o comando militar, a Anac focará sua atenção nos aspectos econômicos da aviação brasileira, e é justamente aí que começam os seus grandes desafios. A criação de uma entidade civil e autônoma para a fiscalização e regulamentação da aviação e da infra-estrutura aeroportuária no Brasil é uma pauta antiga dos tratados internacionais dos quais somos signatários. Éramos, afinal, um dos poucos países do mundo onde o órgão que regulava o setor não estava na esfera civil. Agora, com a mudança, nos adaptamos a um critério que é hoje mundial.

O transporte aéreo é um grande vetor pelo qual passa o nosso desenvolvimento. É imprescindível para que nossas exportações possam continuar aumentando. É a bordo dos aviões que a grande maioria dos turistas estrangeiros chega ao país. O atendimento que eles recebem nas aeronaves e aeroportos é o primeiro cartão de visita de nosso país. E é também por meio aéreo que o brasileiro está, cada vez mais, viajando pelo seu próprio país para conhecê-lo melhor ou para fazer negócios. O direito dos consumidores do transporte aéreo, portanto, deve ser cada vez mais respeitado e isso requer um bom atendimento, uma oferta consistente de opções de vôos e as melhores



tarifas possíveis. Requer, também, que as empresas aéreas brasileiras sejam sólidas e competitivas. Todos esses itens estão no topo da lista de prioridades para a nova agência.

Minhas amigas e meus amigos,

O diálogo intenso, respeitoso e produtivo com os mais diferentes segmentos da sociedade tem sido uma marca das ações do Executivo desde o primeiro dia de nosso governo. A criação da Anac é, certamente, um bom exemplo de como esse princípio que nos norteia é também uma das formas mais eficientes de se governar. A agência já era prevista desde 1999 pela Lei Complementar que criou o Ministério da Defesa, mas seu projeto tramitou por anos no Congresso e sofreu muitas alterações, devido às próprias dificuldades enfrentadas pelas empresas aéreas em todo o mundo a partir de 11 de setembro de 2001. Se hoje temos uma agência criada e diretores empossados devemos isso, além do esforço do governo e dos parlamentares, à contribuição das empresas, usuários e funcionários do setor aéreo, que participaram intensamente desse processo.

Eu queria, meu caro Zuanazzi, dizer a você... duas coisas importantes você disse aqui. Primeiro, enaltecer o futuro sem desprezar o passado, os anos e anos de experiência que nós adquirimos, mesmo com os militares administrando a aviação civil brasileira. A segunda, a história da diferença entre vocês. É importante que seja assim.

Eu não sei se vocês se lembram, os homens certamente se lembram das diferenças entre Garrincha, Didi e Pelé e da diferença entre Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe, ou seja, todos jogavam diferente, mas todos com um único objetivo: derrotar os adversários e marcar os gols pelo time em que jogavam. O papel de vocês não é pensar igual, podem pensar diferente. Da mesma forma que uma orquestra tem um maestro, que não precisa tocar bem todos os instrumentos, mas precisa entender de música e reger bem a



orquestra, o papel de vocês é reger, em sintonia, o setor de transporte aéreo no Brasil. Nós temos muito a fazer, porque se o Brasil quiser valer a respeitabilidade conquistada no mundo de hoje, se o Brasil quiser fazer crescer o seu turismo externo, se o Brasil quiser fazer com que mais turistas venham para o Brasil, se o Brasil quiser fazer com que cresçam os nossos negócios em todo o mundo, nós vamos ter que fazer uma pequena revolução na nossa aviação.

Eu, por exemplo, hoje, conversei com uma pessoa de Dakar que veio ao Brasil, são quatro ou cinco horas de distância para atravessar o Atlântico, entretanto, ele demorou 17 horas para chegar ao Brasil. Eu sei que não é um problema que nós sozinhos poderemos resolver, mas nós temos, e o ministro Walfrido e, por conseqüência, você, que trabalhou com o Walfrido, sabe da minha angústia para que a gente resolva o problema do transporte aéreo, porque sem ele o Brasil não dará a mesma respeitabilidade nas suas relações de negócios que dá nas suas relações políticas.

Eu digo sempre, e vou repetir aqui: se um cidadão da América Sul ou da América Central tiver que ir aos Estados Unidos para vir ao Brasil, ou um africano tiver que ir à África para vir ao Brasil, ele vai fazer negócio por lá mesmo, não precisa vir para cá. Nós somos a maior economia do Continente, portanto nós temos interesse em fazer com que as empresas brasileiras se interessem em ter vôos para lá e convencê-los de que eles precisam ter vôos para cá, porque senão nós não iremos fazer o jogo que o Brasil precisa, deve e pode fazer neste momento.



Sabem vocês, ligados à área do Turismo, sabe o Carlos Wilson o que cresce o setor de transporte nos nossos aeroportos. Nós não podemos mais ficar esperando a boa vontade de alguém, um dia, imaginar que vai tomar a decisão para fazer isso. Agora, a bola está com vocês. Pensem diferente entre si. Agora, construam, pelo amor de Deus, um dinamismo maior para que o Brasil seja cada vez maior na sua relação com esse mundo globalizado do qual faz parte.

Eu quero desejar a vocês toda a sorte do mundo, eu sei que é uma experiência nova, mas quem é que não gosta de uma experiência nova, de um desafio novo? E quando vocês tiverem dúvidas, não se façam de rogados, ou seja, procurem os velhos companheiros, peçam conselhos porque, certamente, nós encontraremos a solução.

Boa sorte para todos vocês!